



UM ESTUDO SOBRE O DRAMA BURGUEÊS: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA MATERNA NA PEÇA EUGÉNIE, DE BEAUMARCHAIS

LUIZA PEREIRA HOLBIG¹; DEIVIDI SILVA BLANK³

Universidade Federal de Pelotas – luizaph1996@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – deividiblack@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O drama burguês nasce durante o século XVIII com a ascensão da ideologia burguesa sob a influência do Iluminismo. Beaumarchais, autor francês conhecido por suas comédias, também escreveu três dramas: Eugénie (1767), Les Deux Amis (1770) e La Mère coupable (1792). Este trabalho tem como objetivo analisar a representação da figura materna em Eugénie e compará-la com a representação da mulher em Le Fils naturel (1757), drama burguês de Diderot que inaugura o gênero.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é resultado de reflexões surgidas no âmbito do projeto de pesquisa intitulado Os aspectos sociais e estéticos dos dramas de Beaumarchais (CLC/UFPEL), que estuda os três dramas de Beaumarchais aproximando-os dos discursos sociais e estéticos sobre a burguesia que emergem ao longo do século XVIII. A partir de pesquisa bibliográfica e da discussão das obras que compõem o corpus do projeto, foi possível lançar luz sobre a representação da figura materna pelo drama burguês, sobretudo na peça Eugénie, que constitui o objeto de estudo deste trabalho. Após a análise dos aspectos afetivos, biológicos e sociais da representação da figura materna nesse drama de Beaumarchais, buscaremos abstrair algumas características comuns à representação feminina no drama burguês por meio da comparação das relações familiares de Eugénie com as de Rosalie, personagem de Le Fils naturel. A fim de embasar teoricamente nosso estudo, serão utilizados os textos 'O mito do amor materno' (BADINTER, 1985) e 'A mulher brasileira nas relações familiares' (ROCHA-COUTINHO, 1994).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A peça Eugénie é escrita no ano de 1767 em cinco atos de prosa. A cena de passa em Londres na casa do Conde Clarendon. Logo, Eugénie é uma jovem que se casou em segredo com o Conde e está grávida. Apenas a tia Madame Murer sabe sobre o casamento. Le baron, pai dela, tem o objetivo de casá-la com o militar Cowerly. Entretanto, sabe-se que o casamento de Eugénie é uma farsa, porque o Conde sob pressão de seu tio, pretende casar-se com outra demoiselle. Um dos serviçais redige uma carta para ser entregue à jovem que logo começa a desconfiar do Conde. Então, Le baron chega em casa, ciente do casamento do Conde com outra demoiselle e, ao falar sobre isso, gera grande alarde. Ao final da peça, toda a verdade é esclarecida e Le baron concede a mão da filha ao Conde após perdoá-la pelo seu erro e toda a família fica por ela enternecida.



Esta peça de Beaumarchais tem como principal tema o casamento. Entretanto, a ausência da figura materna é algo muito marcante para a determinação das ações da protagonista. Após a morte da mãe, a jovem é criada pela tia e pelo pai, porém parece ressentir-se de uma verdadeira referência materna. Madame Murer, viúva rica, tem grandes ambições sociais para a sua família. Sob sua influência, Eugénie sente-se à vontade para seguir seus sentimentos e casar-se com o Conde sem o conhecimento do pai. O mito do amor materno está ligado a um sentimento humano diretamente influenciado pelo comportamento social. O texto teórico intitulado 'Um amor conquistado: o mito do amor materno', de Elisabeth Badinter, filósofa e historiadora francesa, trata justamente sobre a ligação do amor materno com as convenções sociais. Pela forma de cuidar de Eugénie e de apoiá-la no momento de desolação ocasionado pela 'traição' do Conde, pode-se afirmar que Madame Murer tinha amor pela sobrinha. Entretanto, Madame Murer cometeu vários erros ao preocupar-se demasiadamente com a imagem da família e fazer da união de Eugénie com o Conde um trunfo social. Nesse sentido, faltou-lhe a sensibilidade materna para colocar os verdadeiros interesses da filha acima da ambição de manter o brilho da sua família aos olhos da Corte.

Antes de irem para Londres, Eugénie vivia enclausurada. Nisto, o Conde cedeu à família a casa durante alguns dias e logo deparou-se com uma realidade diferente daquela que conhecia. Le baron, pai de Eugénie, tampouco se ocupava da educação da filha, que historicamente, era uma tarefa da mulher fazê-lo. Nisto, evidencia-se que a figura da mulher historicamente sempre esteve ligada às funções domésticas e a criação dos filhos. A visão construída ao longo do século XVIII sobre o papel social da mulher teve grande influência de Rousseau (1762), que propôs em seu projeto de sociedade a nítida divisão entre os papéis da mulher e do homem. Uma vez entronizada, "a rainha do lar" abdicaria de qualquer pretensão fora da esfera doméstica.

Eugénie é, portanto, fruto de um discurso histórico construído pelos valores dominantes que ditam a organização familiar e a forma de conceber a mulher. Ela era uma mulher muito sensível, voltada para a família e algumas de suas ações eram muito intensas, como, por exemplo, o sentimento de tristeza e solidão evidenciados pela decepção com o Conde. Além disso, ainda por ser uma mulher, ela era tratada pelo pai por "mon enfant", o que a colocava numa condição de pureza e ingenuidade. Entretanto, a Madame Murer, mulher sem filhos, apesar de tratar a sobrinha com desvelo, não poderia guiar-se pelo instinto materno e afetivo criado pela ligação biológica entre mãe e filha. Ela era a pessoa que lhe dava bons conselhos, apoiando-lhe nas suas escolhas. Ainda assim, pela ausência afetiva da figura materna, Eugénie se sentia deslocada, ficando dividida entre conformar-se ao papel de herdeira da família e guiar-se por seus instintos.

4. CONCLUSÕES

O amor materno foi, desde sempre, concebido em termos de instinto e ligado à natureza feminina. Isso significa que toda mulher deveria tornar-se mãe para encontrar todas as respostas à sua nova condição, como uma atividade pré-formada, automática e necessária. Logo, a procriação natural estaria ligada ao fenômeno biológico da gravidez e à atitude maternal, como algo de dupla correspondência. Isto é, além de gestar a criança, a mãe deve ser capaz de amá-la e sentir também afeto por ela. A representação da figura materna nas duas



peças é um tema bastante discutido ainda nos dias de hoje. E, considerando-se isso, a figura da mãe em ambas os casos, materializa-se pela presença da Madame Murer em Eugénie e Constance e a tia de Rosalie em *Le Fils naturel* de forma que elas desempenham um importante papel na criação das duas jovens acompanhando-as dessa forma ao longo de sua vida. Portanto, a presença da figura paterna e os próximos da família contribuem, no drama burguês, para suprir a ausência da afetividade inerente à figura materna.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUMARCHAIS, Pierre-Augustin Caron de. Eugénie. Paris: 1767.

DIDEROT, Denis. Oeuvres. Paris: Gallimard, 1946.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.